

# GESTO POLÍTICO E GESTO DE LEITURA

Dr. Nilcéia Valdati<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo volta-se sobre o pensamento de Paolo Virno, para perceber como ele monta seu método unindo participação política e pensar filosófico enquanto linguagem. Parte-se da elaboração de *Sentimenti di aldiqua - oportunismo, paura, cinismo nell'età del disincanto*, evento e livro ocorrido e publicado em 1987, que reúne as preocupações de vários pensadores italianos, sobre o repensar as décadas transcorridas, 1960 e 1970, passa-se por outros trabalhos do autor, como "Il vuoto come inattualità", e entrevistas posteriores. Nota-se nessa passagem de tempo e pensamento que Virno lança mão de categorias como *ambivalência, general intellect, biopolítica, êxodo* para ler as *formas de vida* contemporâneas, colocando-se em jogo nelas. Tais ideias são articuladas com outros pensadores de sua época, Giorgio Agamben, que é um dos integrantes de *Sentimenti*, e Massimo Cacciari. Embora haja diferenças entre os seus posicionamentos, a aproximação desses nomes marca uma posição na crítica italiana contemporânea, a partir de construções teóricas tecidas com os fios do *tempo* para pensar o *espaço* político e estético.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formas de vida; Biopolítica; Tempo; Paolo Virno.

## RIASSUNTO

Questo articolo rivolgersi al pensiero di Paolo Virno, per percepire come costruisce il suo metodo, unendo la partecipazione politica e il pensiero filosofico come linguaggio. Si inizia con l'elaborazione

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - Professora de Literatura Brasileira e do Programa de pós-graduação em Letras na Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO - Email: valdati@gmail.com

di *Sentimenti di aldiqua - opportunismo, paura, cinismo nell'età del disincanto*, evento e libro avvenuto e publicado nel 1987, che ha riunito le preoccupazioni di molti pensatori italiani, sul ripensare i decenni del 1960 e 1970, prosegue con altre opere dell'autore, come "Il vuoto come inattualità", e le successive interviste. Si nota in questo passaggio di tempo e pensiero che Virno usi categorie come l'ambivalenza, lo *general intellect*, la biopolitica, l'esodo per leggere le forme di vita contemporanee, mettendosi in gioco in esse. Tali idee sono articolate con altri pensatori del suo tempo, Giorgio Agamben, che è uno dei membri di *Sentimenti*, e *Massimo Cacciari*. Anche se ci sono differenze tra le loro posizioni, l'approssimazione di questi nomi segna una posizione nella critica italiana contemporanea, dalle costruzioni teoriche tessute con i fili del tempo per pensare allo spazio politico ed estetico.

**PAROLE CHIAVE:** Forme di vita; Biopolitica; Tempo; Paolo Virno.

Fazer política é, nem mais nem menos, aprender a ler, em qualquer ocasião e contexto, os signos evidentes e invisíveis.

(Paulo Virno)

### A época do desencanto

No final dos anos 1970, uma parte dos pensadores italianos encontra-se em meio a um processo de transição: da resistência ao poder estatal e econômico, que gerou a prisão de muitos de seus líderes, como Toni Negri, passa a se rearticular, encontrando no *êxodo* de antigas posições a novas *formas de vida* a maneira da militância e da singularidade do *indivíduo social* agir na *multidão*.

Uma das figuras que faz parte deste cenário é Paolo Virno<sup>2</sup>, que, em 1978, é preso acusado de ser membro de uma organização chefiada por Antonio Negri, que tinha ligação ao mesmo tempo com a atuação política de *Autonomia operaia* e com a luta armada de *Brigate Rosse*, organização

---

<sup>2</sup> Nascido em Nápolis, em 1952, Paolo Virno muda-se ainda muito pequeno com a família para Gênova, onde passa a infância e a adolescência e, como estudante do ensino secundário, participa das primeiras experiências políticas. Isso era por volta de 1968. Nessa época a família transfere-se para Roma e é lá que entra em contato com as organizações de trabalhadores e a tradição dos *Quaderni Rossi*, revista de circulação no âmbito operário, fundada por Renato Panzieri em 1959, que foi o germe de *Classe Operaia*, periódico dirigido por Mario Tronti, Sergio Bologna, Toni Negri, Alberto Asor Rosa e Massimo Cacciari. Virno assim descreve o início da ligação com os movimentos de esquerda:

"[...] Tive muita sorte porque em um mundo de marxistas-leninistas, de terceiro-mundistas, de pura casualidade eu, sendo muito jovem ainda, encontrei um tipo de pensamento que, em troca, não tinha um grande interesse pelo marxismo, porém por Marx, que tomava as páginas de Marx e as colocava em contato com as lutas operárias. Além disso, o pensamento operário em lugar de ler o livro Vermelho de Mao, lia os grandes clássicos do pensamento burguês: Keynes, Schumpeter, além de Thomas Mann, Nietzsche, Carl Schmitt. Outra vantagem deste tipo de pensamento político era considerar como objetivo de nosso tempo a abolição, a eliminação, o rechaço do trabalho assalariado enquanto tal: colocava a existência do trabalho assalariado a grande barbárie de nosso tempo." VIRNO, Paolo. Entrevista concedida a Flávia Costa. *General intellect, éxodo, multitud. Dossier de lectures Paolo Virno*. Barcelona, 2003, pp.3-17. Disponível em: <<http://www.nodo50.org/ts/editorial/dossierlecturasvirno.rtf%202.pdf>> Acesso em: 10 out. 2015. [Tradução nossa]. Entrevista publicada primeiramente em *Archipiélago*. n. 54. Barcelona: Editorial Archipiélago, 2002.

responsável pelo sequestro e assassinato do presidente do *Consiglio Nazionale della Democrazia Cristiana*, Aldo Moro, em 1978. Virno assim descreve a sua condenação:

Cumpri um total de três anos de prisão preventiva, antes do julgamento. Ao finalizar o primeiro julgamento, em primeira instância, me condenaram a 12 anos por associação subversiva e constituição de grupo armado, porém meu grupo não tinha nome: não diziam que eu era um dirigente ou um militante, por exemplo, de *As Brigadas Vermelhas*; era um grupo sem nome. Anônimo. No julgamento, e isso era engraçado, o grupo era chamado simplesmente de 'O', para indicar 'Organização', porém repito, uma organização sem nome, sem identidade. Fiquei em liberdade à espera do julgamento em segunda instância. No segundo julgamento de apelação eu e muitos outros acusados fomos absolvidos. De 12 anos passamos à absolvição. Logo depois de ser absolvido, e já estávamos em 1987, decidi, além do trabalho filosófico que havia começado a realizar de forma importante, retomar a atividade política.<sup>3</sup>

Em 1987, Paolo Virno é absolvido pelos crimes “não-cometidos” em relação ao Estado e começa a discutir a sua atuação política e a marcar a sua prática filosófica, concentrando-se sobre o pensar as *formas de vida* contemporâneas. Eis que nesse momento Virno, juntamente com outros pensadores, dentre eles Giorgio Agamben, que também está de volta à Itália após um período em outros países da Europa, organizam o evento, e posteriormente o livro, *Sentimenti di aldiqua*. Com o subtítulo “oportunismo, paura, cinismo nell’età del disincanto” o livro é publicado em 1990, porém começa a ser pensado bem antes desta data. Sem um organizador específico, sem reunir textos de um congresso, sem compilar esparsos em jornais e revistas ligados por uma temática específica, sem se colocar como espaço ocasional para a publicação de artigos pensados solitariamente por seus autores, o livro nasce, a partir de uma longa atividade seminarial, que reuniu pessoas interessadas em refletir sobre “a própria desafeição pelas formas de vida hoje predominantes”.<sup>4</sup> Reflexão publicada primeiramente, em forma de suplemento, em 1988, no jornal *Il manifesto*, e reelaborada, no mesmo ano, em um congresso, desta vez aberto ao público, na *Casa della Cultura di Milano*.

A hipótese que percorre o livro é a de que está mais que madura a retomada de um pensamento crítico radical, decisivamente à altura dos tempos. Pensamento que evite, no entanto, uma volta melancólica e orgulhosa aos anos 1970 e que consista na identificação de um ângulo visual, a partir do qual se consiga passar o presente ao mais áspero contrapelo, não em nome de

---

<sup>3</sup>VIRNO, Paolo. Entrevista concedida a Flávia Costa. General intellect, éxodo, multitud. *Dossier de lectures Paolo Virno*. Barcelona, 2003, p.5. Disponível em <<http://www.nodo50.org/ts/editorial/dossierlecturasvirno.rtf%202.pdf>> Acesso em: 10 out. 2015. [Tradução nossa].

<sup>4</sup>PREMESSA. In: *Sentimenti dell’aldiqua*. Oportunismo paura cinismo nell’età del disincanto. Roma - Napoli: Theoria, 1990, p.09. [Tradução nossa]

tempos transcorridos.<sup>5</sup> Esta hipótese pode ser vista no texto de Paolo Virno, “Ambivalenza del disincanto”, como também nos de: Marco Bascetta, Lapo Berti, Alessandra Castellani, Lucio Castellano, Andrea Colombo, Massimo De Carolis, Massimo Ilardi, Augusto Illuminati, Franco Piperno, Rossana Rossanda, Domenico Starnone e Giorgio Agamben. Este último com o texto “La comunità che viene”, que ainda em 1990 é publicado em livro.

*Sentimenti di aldiqua*, sentimentos do que é “próprio daqui”. A junção da expressão italiana *al di qua*, desta parte, em uma única palavra, *aldiqua*, em oposição a *aldilà*, o mundo dos mortos, reforça a ideia de marcação específica de um lugar e de um mundo sensível, o *hic*, mas também de um tempo, *nunc*, na *época do desencanto* de uma Itália que volta o olhar sobre os anos 1960, 1970 e início dos 1980, através do *oportunismo*, do *medo* e do *cinismo*. A opção pela designação *sentimentos* evidencia a elaboração de um pensamento que, sustentado por conceitos caros à filosofia, como tempo e espaço, carrega em si a práxis do envolvimento, da participação, da resolução, dentro de uma “situação emotiva”. Nesse sentido, o pensamento de Paolo Virno suscita articular a *ambivalência* entre os campos definidos pelo tempo e pelo espaço de atuação e circulação de *categorias e sentidos, de saber e vida*.

### Formas de vida

Embora a *ambivalência* percorra todo o trabalho de Virno, é apresentada em *Sentimenti di aldiqua* como a “Ambivalenza del disincanto”<sup>6</sup>. Segundo o ex-militante, as forças contrárias à época do desencanto - o *oportunismo*, o *medo* e o *cinismo* - procuram estreitar o campo de imediata coincidência entre produção e *eticidade [eticità]*, estrutura e supra-estrutura, revolução do processo de trabalho e sentimentos, tecnologias e tonalidades emotivas, desenvolvimento material e cultural. A pergunta que retorna constantemente no texto é: quais são os modos de ser e de sentir, que qualificam a situação emotiva comum tanto a quem se curva obediente, quanto a quem sonha com a revolta? E a resposta que persiste é a de que: os modos de ser e de sentir são co-extensivos ao papel preeminente do saber abstrato, do *general intellect*, em relação a todos os âmbitos vitais e a qualquer operar. “Percebendo também aqui, além de uma característica modalidade da

---

<sup>5</sup> PREMESSA. In: *Sentimenti dell'aldiqua*. Oportunismo paura cinismo nell'età del disincanto. Roma - Napoli: Theoria, 1990, p.09. [Tradução nossa]

<sup>6</sup> VIRNO, Paolo. Ambivalenza del disincanto. In: *Sentimenti dell'aldiqua*: Oportunismo paura cinismo nell'età del disincanto. Roma - Napoli: Theoria, 1990, pp.11-41.

experiência, também a sua ambivalência”.<sup>7</sup> Na elaboração da pergunta e da resposta, evidencia-se que a *ambivalência*, esse jogo em que forças contrárias se encontram, ocorre porque precisamente nesse encontro há um saber abstrato que se coloca na prática pela *contingência* [chances]. Saber que Virno denominará de *general intellect*, retomando a imagem apresentada por Karl Marx num dos fragmentos de *Grundrisse*.

Esta inversão de posições entre conceitos e sentidos, entre saber e ‘vida’ é uma questão decisiva, para fixá-la é oportuno um rápido *détour*. Habitualmente: para tornar-se conciso é preciso regressar. A regressão se atém a um texto de Marx, famoso e controverso, o assim chamado ‘Fragmento sobre as máquinas’ [é um fragmento de *Grundrisse der kritik der politischen Ökonomie* 1857-1858, tr. It. La Nuova Italia, Firenze 1968-70, vol. II, pp. 389-403]. O que sustenta Marx nestas páginas? Uma tese bem pouco ‘marxista’: o saber abstrato – aquele científico em primeiro lugar, mas não só isso – se encaminha para tornar-se, exatamente em virtude da sua autonomia da produção, nada menos que a principal força produtiva, relegando o trabalho parcelado e repetitivo a uma posição periférica e residual. Trata-se do saber objetivado no capital fixo, transfundido no sistema automático das máquinas, dotado de objetiva realidade espaço-temporal. Marx recorre a uma imagem muito sugestiva para indicar o conjunto de esquemas cognitivos [*conoscitivi*] abstratos, que constituem o epicentro da produção social e, *ao mesmo tempo*, atuam por princípios ordenadores em todos os âmbitos vitais: fala de um *general intellect*, de um ‘intelecto geral’.

8

Na verdade o denominado “Fragmento sobre as máquinas” encontra-se no livro três, de “O Capital”, de *Grundrisse*, sob o título “Contradições entre a base da produção burguesa (medida do valor) e o seu desenvolvimento mesmo. Máquinas etc”.<sup>9</sup> A passagem a que Virno faz referência encerra o pequeno texto.

A natureza não constrói máquinas, não constrói locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, teceiras automáticas, etc. Eles são produtos da indústria humana; material natural, transformado em órgãos da vontade humana sobre a natureza ou da sua aplicação na natureza. São órgãos do cérebro humano criados pela mão humana; força objetivada do conhecimento. O desenvolvimento do capital fixo revela até que ponto o saber social geral, *knowledge*, converteu-se em força produtiva imediata, e, portanto, até que ponto as condições do processo da vida social mesma passaram sob o controle do *general intellect*<sup>10</sup>, remodeladas em conformidade a ele; até que ponto as forças produtivas sociais são

---

<sup>7</sup> VIRNO, Paolo. Ambivalenza del disincanto. In: *Sentimenti dell'adiqua: Opportunismo paura cinismo nell'età del disincanto*. Roma - Napoli: Theoria, 1990, p.35. [Tradução nossa]

<sup>8</sup> VIRNO, Paolo. Ambivalenza del disincanto. In: *Sentimenti dell'adiqua: oportunismo paura cinismo nell'età del disincanto*. Roma - Napoli: Theoria, 1990, p.26 [Tradução nossa, grifos do autor]

<sup>9</sup> Embora haja tradução brasileira de *Grundrisse* [MARX, Karl. *Grundrisse* –manuscritos econômicos de 1857-1858, esboços da crítica da economia política. Tradução de Mario Duayer e Nélio Shneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.], tomo como referência a tradução argentina [MARX, Karl. El capítulo del capital - Contradicción entre la base de la producción burguesa (*medida del valor*) y su propio desarrollo. Máquinas, etc. In: *Elementos Fundamentales para la crítica de la economía política*. Tradução de José Aricó, Miguel Murmis e Pedro Scaron. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1972, pp.227-230]. Além das publicações de dois sites que disponibilizam trabalhos de Karl Marx: <www.marxists.org> e <www.criticamente.com>.

<sup>10</sup> A tradução em língua espanhola sugere “intelecto colectivo”. [Tradução de José Aricó, Miguel Murmis e Pedro Scaron. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1972, pp.229-230.]

produzidas não somente na forma do saber, senão como órgãos imediatos da práxis social, do processo de vida real.<sup>11</sup>

Se a imagem do *general intellect*, enquanto um saber abstrato, mas também material, que as leis do trabalho incorporaram, acaba por gerar uma forma, embora virtual, para a *ambivalência*, a partir do confronto de posições e das *changes* nas atitudes pessoais e políticas, vimos também que nesse momento tem-se nela uma outra imagem, a do intelectual pós-autonomista.

Esta seria uma posição defendida por Paolo Virno. Giorgio Agamben, que possui uma trajetória intelectual muito diferente, vai retomar a mesma imagem, *general intellect*, para falar sobre a noção de política, em um pequeno texto intitulado "Forma-di-vita"<sup>12</sup>, publicado no início dos anos 1990. Nele Agamben considera a vida enquanto condição política, enquanto experiência do pensamento, ou seja, potência do intelecto. Poderíamos sugerir, a partir de Agamben, que o pensamento colocado em ato é o intelecto, é potência de pensamento.

A intelectualidade [...] e o *general intellect* marxiano adquirem o seu sentido só na perspectiva desta experiência. Eles nomeiam a *multitudo* que adere à potência do pensamento como tal. A intelectualidade, o pensamento, não é uma forma de vida ao lado de outras nas quais se articulam a vida e a produção social, mas é a *potência unitária que constitui em forma-de-vida as múltiplas formas de vida*. Diante da soberania estatal, que pode se afirmar só separando cada âmbito da vida nua da sua forma, eles [intelectualidade e *general intellect*] são a potência que incessantemente reúne a vida a sua forma ou impede que ela se dissocie. A distinção entre a simples e maciça inscrição do saber social nos processos produtivos, que caracteriza a fase atual do capitalismo (a sociedade do espetáculo), e a intelectualidade como potência antagonista e forma-de-vida passam pela experiência desta coesão e desta inseparabilidade. O pensamento é forma-de-vida, vida insegregável da sua forma, e onde quer que seja se mostra a intimidade desta vida inseparável, na materialidade dos processos corpóreos e dos modos de vida habituais não menos que na teoria, lá e somente lá há pensamento. E este pensamento, esta forma-de-vida que, abandonando a vida nua ao 'homem' e ao 'cidadão', que a vestem provisoriamente e a representam com os seus 'direitos', deve tornar-se o conceito-guia e o centro da política que vem.<sup>13</sup>

Aqui vemos como Agamben e Virno têm um nó central, um grau zero, em comum, porém cada um o desfaz ou o faz a seu modo. O *general intellect* para Virno instaura-se pela questão política e econômica, qual seja, pela *ambivalência* do saber atribuído às condições de trabalho. O saber abstrato se torna material na medida em que *produz* conhecimento, máquinas, por exemplo, também produz *formas de vida*, que tanto criam quanto se submetem à criação. Ou ainda, as

---

<sup>11</sup> MARX, Kart. El capítulo del capital - Contradicción entre la base de la producción burguesa (*medida del valor*) y su propio desarrollo. Máquinas, etc. In: *Elementos Fundamentales para la crítica de la economía política*. Tradução de José Aricó, Miguel Murmis e Pedro Scaron. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1972, pp.229-230. [Tradução nossa]

<sup>12</sup> AGAMBEN, Giorgio. Forma-di-vita. In: *Politica*. Napoli: Cronopio, 1993, pp. 105-114. "Forma-di-vita" foi publicado posteriormente em *Mezzi senza fine – note sulla politica* [Torino: Bollati Boringhieri, 1996, pp.13-19].

<sup>13</sup> AGAMBEN, Giorgio. Forma-di-vita. In: *Politica*. Napoli: Cronopio, 1993, pp. 113-114. [Tradução nossa, grifos do autor]

relações de trabalho foram o germe para a criação de boa parte dos movimentos de esquerda italianos que, ao exigirem melhores condições de trabalho, exigiam condições para que as *formas de vida* ganhassem direito à vida. Neste sentido, as relações econômicas, via o pensamento de Marx, só existem pelas articulações do homem enquanto animal que tem linguagem, animal que tem capacidade de fazer política, de transformar o *general intellect* em *formas de vida*. E este animal pode ser qualquer um, mas principalmente pode ser o intelectual que articula teoria e práxis social, o intelectual que procura um novo lugar para o que não mais existe: as condições dadas nos anos 1960, 1970 e início de 1980. Período histórico, no qual os movimentos – em especial, o assim chamado autonomismo italiano – eram compostos por operários que procuravam um autonomismo em relação ao Estado e aos partidos e por universitários que faziam desta ideia uma luta política. A particularidade de composição desses grupos, ao carregar em si duas representações sociais distintas, é a exemplificação do *general intellect*, no momento que coloca lado a lado o saber abstrato e a produção de trabalho material.

Agamben concordará com a ideia de que o homem é o animal político que se constitui em *formas-de-vida*. Entretanto, não dará ênfase à questão econômica. Neste sentido, poderíamos dizer que se Agamben retoma alguns conceitos de Marx, como *general intellect*, ele o faz para colocar sob o viés político, não os assume, não os cita. Ele os coloca em jogo, como faz com posições ou pensamentos que estejam consolidados numa posição teórica fixa, numa comunidade. E esta é a tarefa política que Agamben chama de “que vem”. Ambos atribuem o *general intellect* a uma imagem de Marx, não ao marxismo. Virno ao tomá-la explica uma situação emotiva, o passado recente, Agamben ao voltar-se sobre a mesma imagem, a vê como *potência de pensamento*, “potência unitária que constitui em forma-de-vida as múltiplas formas de vida.”<sup>14</sup> O que Agamben entende por forma-de-vida pressupõe retomar a cisão histórica pela qual passou o conceito vida: elaborar a vida como *zoé* e *bios*. A vida não pode ser pensada como o simples fato de viver, comum a todos os viventes, animais, homens, deuses, isto é, *zoé, vida nua*; a vida é a forma de viver solitária ou de um determinado grupo, é *bios, é biopolítica*. Assim, o *general intellect* é a possibilidade da *bios* organizar-se, colocar-se nas esferas públicas, tornar-se *biopolítica*. Tal consideração será o cerne para elaborações de *homo sacer*, e desta forma, poderíamos correr o risco de afirmar que o *Estado*

---

<sup>14</sup> AGAMBEN, Giorgio. Forma-di-vita. In: *Politica*. Napoli: Cronopio, 1993, p. 113. [Tradução nossa]

de exceção [Homo sacer II, I) se não é uma resposta ao autonomismo italiano, é uma possibilidade de lê-lo.

Ao considerarmos que o *general intellect* nos leva à *biopolítica*, nesse momento fica clara a questão econômica e política em Virno e a política e estética em Agamben. Para Virno, o termo de matriz foucaultiana<sup>15</sup> está ligado à ideia paradoxal de *força-trabalho*: “como coisa irreal, pura potência, *dynamis*, a qual, porém, é vendida e comprada como uma mercadoria qualquer”.<sup>16</sup> Ele dirá que Agamben ao falar sobre biopolítica a transforma numa categoria ontológica:

Agamben é um problema... Agamben é um pensador de grande valor, porém, em minha opinião, um pensador sem nenhuma vocação política. Então, quando Agamben fala de *biopolítica* tem a tendência de transformá-la em uma categoria ontológica com valor desde o direito romano arcaico. E nisso, em minha opinião, ele está muito equivocado. O problema é, creio, que a biopolítica é só um efeito derivado do conceito de força-trabalho. Quando existe uma mercadoria que se chama força-trabalho já está aí implicitamente o *governo sobre a vida*.

Agamben, diria, em troca, que a força-trabalho é só um dos aspectos da biopolítica; eu digo o contrário: sobretudo porque a força-trabalho é uma mercadoria *paradoxal* porque não é uma mercadoria real como um livro ou uma garrafa d'água, senão que é a simples *potência de produzir*. Quando se transforma em mercadoria, a potência enquanto tal, então, há que governar o corpo vivente que mantém esta potência, que contém esta potência. Toni (Negri) e Michael (Hardt), em troca, utilizam biopolítica em um sentido histórico determinado, baseando-se em Foucault, porém o Foucault da biopolítica fala em poucas páginas – em relação ao nascimento do liberalismo – por isso Foucault não é uma base suficiente para fundar um discurso sobre a biopolítica e meu temor, meu medo, é que a biopolítica possa transformar-se em uma palavra que esconde, cobre os problemas em vez de ser um instrumento para enfrentá-los. Uma *palavra fetiche*, uma palavra 'abre portas', uma palavra com o signo exclamativo, uma palavra que corre o risco de bloquear o pensamento crítico em vez de ajudá-lo. Então, tenho medo das palavras fetiche na política porque se parecem com os gritos da criança que tem medo da escuridão..., a criança diz: 'mamãe! mamãe!', 'biopolítica! biopolítica!'. Não nego que haja um conteúdo sério no termo, entretanto vejo que o uso do termo biopolítica algumas vezes é um uso consolador, como o grito da criança, enquanto que a nós nos servem, em todo caso, de instrumentos de trabalho, não de *palavras propaganda*.<sup>17</sup>

A negativa de Virno às considerações de Agamben sobre biopolítica só confirma a distinção: para Virno a política é participativa, por isso o saber abstrato, o intelecto, deve atuar na organização das *formas de vida*; para Agamben a política é potência do pensamento que permite ao vivente montar *formas-de-vida*. A grafia dos dois termos já indica uma distinção: a ausência do hífen e o

<sup>15</sup> Durante os cursos no Collège de France, em 1977, Michel Foucault expõe e trabalha o termo biopolítica, que será agrupado nos volumes de *Dits et écrits*, em 1994.

<sup>16</sup> VIRNO, Paolo. Un concetto equivoco: biopolitica. In: *Grammatica della moltitudine*. Soveria Mannelli – Catanzaro: Rubbettino, 2001, p.54. [Tradução nossa]

<sup>17</sup> VIRNO, Paolo. Entrevista concedida a Flávia Costa. General intellect, éxodo, multitud. *Dossier de lectures Paolo Virno*. Barcelona, 2003, p.10. Disponível em <<http://www.nodo50.org/ts/editorial/dossierlecturasvirno.rtf%202.pdf>> Acesso em: 10 out. 2015. [Tradução nossa, grifos do autor].

plural, *formas de vida*, tal como Virno o utiliza, pressupõe para Agamben a condição dada pela *multidão* contemporânea, o que existe enfim, o vivente, a *vida nua*, *zoé*; o uso do hífen e o singular, *forma-de-vida*, é a possibilidade política da vida tomar forma, condição, espaço, lugar, ou seja, da *zoé* ser *bios*.

Daí observarmos que Virno ainda acredita numa comunidade possível, a da *multidão* e suas contradições de pertencimento e não pertencimento, e Agamben na comunidade possível e impossível, a do dar-se conta de que somos *qualunque*, ou seja, uma singularidade de ser tal qual se é, o pertencimento ao próprio do que se é, independente do grupo ao qual pertença. Esse é o ponto central que distingue as posições de Virno e Agamben nos trabalhos publicados em *Sentimenti di aldiqua*.

### Êxodo

A ideia de comunidade fará parte na discussão de 1987. Virno associando às *formas de vida* da época do desencanto a *comunidade* batalliana, a comunidade dos que não têm comunidade. O mesmo ponto de partida de Agamben que, ao pensar a *comunidade*, atesta que, em se tratando de pensar o espaço e o tempo em que a *vida* e o *saber* se colocam, a categoria *êxodo* e também a da *deserção* dão forma e sentido à *ambivalência*. A palavra de uso bíblico, o livro que narra a saída dos judeus do Egito em busca da terra prometida, encontra, dos anos 1960 para cá, uma aplicação nas condições de pertencimento e não-pertencimento à *moltitudine*, embora naquele momento o termo ainda não tivesse sido inserido nas articulações de Virno<sup>18</sup>. Êxodo que historicamente poderia marcar a migração dos trabalhadores do sul para as fábricas da região norte. Êxodo da militância das ruas para a pesquisa universitária. Entretanto cabe lembrar que os militantes dos anos 1960/70 sempre foram ligados à universidade, como é o caso de Toni Negri e do próprio Paolo Virno, porém, a partir dos anos 1980, fazer parte, pertencer e, ao mesmo tempo, não pertencer a uma instituição acadêmica torna-se uma necessidade de sobrevivência<sup>19</sup>. Sobre isto Virno dirá:

---

<sup>18</sup> As ideias sobre *multidão* ganharão força com a publicação dos ensaios de *Grammatica della moltitudine: per una analisi delle forme di vita* contemporanee. [Catanzaro – IT: Rubbettino Editore, 2001]

<sup>19</sup> Em 1994 Paolo Virno torna-se professor de História da Filosofia, cargo que ocupa até 1996, na Universidade de Urbino, onde desenvolveu pesquisa sobre o conceito de *dynamis* e a modalidade do possível e sobre as teses de Kojève em relação a um “fim da história”. Ainda em 1996, transfere-se para a Universidade de Montreal, na qual dirige um ciclo de seminários. Também foi professor da Universidade da Calábria, entre 1995 a 1999, período em que elaborou o trabalho sobre Hegel e Benveniste, Magistro e Agostinho. Além disso, na mesma universidade permaneceu por mais algum tempo com as disciplinas de Semiótica do Texto, de 1999 a 2000 e Ética da Comunicação, de 2000 a 2001. É dessa época que resulta *Grammatica della moltitudine: per una analisi delle forme di vita*

No que se refere ao meu trabalho na universidade... bem, eu venho fazendo isso somente há seis ou sete anos. E eu ainda sou um professor de contrato temporário. Até os quarenta e cinco anos, embora estivesse escrevendo livros de filosofia, eu trabalhava nos tipos de emprego mais disparatados na indústria cultural: roteirista de desenho animado, jornalista, editor, e por aí afora. A universidade foi uma escolha casual, não uma vocação ou um destino. Ela representou a possibilidade de ganhar um salário melhor e de ter mais tempo para escrever. Tendo publicado diferentes livros, eu podia tentar. Eu ganhei uma competição. Minha vida não mudou. E ela vai bem assim.<sup>20</sup>

O êxodo pessoal de Virno encontra-se com as explicações que ele mesmo sugere ao conceito de raiz marxiana:

Ora, é exatamente na deserção e no exôdo que se exprime aquele sentimento de puro pertencimento, típico, para dizê-lo com Bataille, da 'comunidade de todos aqueles que não têm comunidade'. *Deserção* das regras dominantes que inervam papéis individuais ou identidades precisas, configurando sutis 'a-que'. Exôdo em direção a um 'lugar habitual', para constituir a volta com a própria *atividade*; um 'lugar habitual', que não pré-existe à experiência graças a qual nem se determina a localização, nem, portanto, pode refletir qualquer hábito pregresso (hoje, de fato, o hábito torna-se alguma coisa de insólito e *inabitual*, é somente um *resultado* eventual, não mais um ponto de partida). Êxodo, então, em direção a formas de vida, que dessem corpo e fisionomia ao pertencimento como tal (*não* formas de vida *às quais* pertencer). *Êxodo*: talvez é a forma que mais se adapta a instâncias de transformações radicais do existente, que, invertendo-a, elaboram a experiência conduzida nos anos oitenta.<sup>21</sup>

Ao determinar as funções do *êxodo*, Virno coloca em evidência as considerações sobre o tempo - contemporâneo à voz que fala e ouve. Ou seja, o militante dos anos 1970, o *habitual*, condensa uma década depois as posições políticas passadas num agora, o *inabitual*. Vemos aí a presença nietzscheana em Virno via as *Considerações intempestivas*<sup>22</sup>, as mesmas que são tomadas por Agamben para definir *O que é o contemporâneo?*<sup>23</sup> O que diz Nietzsche nessas páginas que se tornam contemporâneas ao pensador e militante italiano, mais de um século depois? Recortamos um trecho do prefácio, da segunda parte do livro, intitulado "Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida":

Se esta consideração é intempestiva é porque considero um mal, como uma deficiência, como uma carência, uma coisa que o tempo presente glorifica, a sua cultura histórica; é porque creio que todos nós sofremos de uma febre histórica decoradora e que, pelo menos, deveríamos reconhecer que padecemos dessa doença. [...]

---

contemporânea, reunião de textos das aulas proferidas para o curso de doutorado. Após muitos anos como professor colaborador, desde 2008 é professor associado na Universidade de Roma Tre.

<sup>20</sup>VIRNO, Paolo. Entrevista a Branden W. Joseph. *Grey Room*, n.21, 2005, p.27. Disponível em: <[http://www.e-flux.com/wp-content/uploads/2013/05/Virno\\_Interview\\_greyroom\\_small.pdf?b8c429](http://www.e-flux.com/wp-content/uploads/2013/05/Virno_Interview_greyroom_small.pdf?b8c429)>. Acesso em: 18 nov. 2017. [Tradução nossa]

<sup>21</sup> VIRNO, Paolo. Ambivalenza del disincanto. In: *Sentimenti dell'adiqua: Oportunismo paura cinismo nell'età del disincanto*. Roma - Napoli: Theoria, 1990, p. 41. [Tradução nossa, grifos do autor]

<sup>22</sup> NIETZSCHE, Frederic. *Considerações intempestivas*. Tradução Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1976.

<sup>23</sup>AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó – SC: Argos, 2009.

Não vou negar, para me desculpar, que foi de mim principalmente, e dos outros só a título de comparação, que retirei as experiências que deram origem a este sentimento que me tortura – mesmo que seja apenas na medida em que sou discípulo da antiguidade, e sobretudo da antiguidade grega, que venha a experimentar sentimentos tão pouco atuais, apesar de me sentir filho do tempo presente. Mas é uma liberdade que me concedo a mim próprio, enquanto filólogo clássico, porque vejo para que poderia servir a filologia clássica no nosso tempo, senão para lançar uma ação intempestiva contra esta época e, assim o espero, em benefício do tempo que há de vir.<sup>24</sup>

Assim, o intempestivo em Nietzsche reside no fato de constatar que o contemporâneo é marcado por um *inatual*. Agamben<sup>25</sup> lendo Nietzsche dirá que contemporâneo é aquele que não coincide perfeitamente com ele e nem se adequa às suas exigências, por isso *inatual*. Em Virno, podemos inferir que contemporâneo é aquele que opta pela deserção presente no *êxodo*; esse tempo marcado pelo pertencimento e não pertencimento coincide com a potência e o ato, com o vazio e o cheio, acrescentados em “Il vuoto come inattualità”<sup>26</sup>, texto publicado na revista *Gomorra*<sup>27</sup>, em 1999, no mesmo ano de *Il ricordo del presente*.

No texto, Virno exemplifica que o *ato* linguístico, a fala, é um *cheio*, que instaura um *vazio* pela faculdade, *potência*, do enunciador. Exemplifica também que a ação, o *ato*, do trabalho, situada dentro de um tempo e de um espaço, compreende um *cheio*. No entanto, a faculdade do trabalhador é um *vazio*, pois está sujeita à inúmeras variáveis; não podemos vê-la, existe na “surdina”. Esclarece que na sua origem, ‘potência’ significa falta, incompletude, inatualidade, que leva ao conceito de *dynamis* em Aristóteles: “a tarefa de tornar pensável o não ser”.<sup>28</sup> Mas como esse *não ser*, esse *vazio*, essa *inatualidade* encontra na condição de *êxodo* a sua *dimora*? Respondemos seguindo os argumentos de Virno: porque os seres vivos são carregados de *potência*, por isso não têm um ambiente prefixado, um *habitat* específico.

A potência atesta a nossa pobreza de instintos especializados. Temos o que fazer com um contexto vital indefinido; nisso nos orientamos graças à faculdade igualmente indefinida. A falta de um ambiente unívoco tem o seu antídoto homeopático em um certo esquecimento com o potencial, o indeterminado, o inatual. Este *vazio* (este desorientamento), carregamos conosco a todo momento. Não se trata de uma ferida cicatrizável. Os animais não têm faculdade, porque dispõem de um *habitat* prefixado. Os animais não têm potência (mas somente um repertório mais ou menos extenso de excusões eventuais). Então, os animais não têm *vazio*. Os seres humanos, exatamente porque são os mais pobres dos animais sob

<sup>24</sup>NIETZSCHE, Frederic. *Considerações intempestivas*. Tradução Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1976, pp. 102-103.

<sup>25</sup>AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó – SC: Argos, 2009.

<sup>26</sup>VIRNO, Paolo. Il vuoto come inattualità. *Gomorra*, Nápolis, ano II, n.4/5, maio 1999, pp. 51-53.

<sup>27</sup>A revista *Gomorra*, criada em 1997 e dirigida por Massimo Ganevacchi, Alberto Clementi, Paolo Desideri, Massimo Ilardi, Antonio Terranova, trata de temáticas ligadas à cultura metropolitana, vistas sob diversos ângulos: sociológico, antropológico, arquitetônico, urbanístico, das artes visivas, da música e outros. O número 4/5 gira em torno do tema “vazio”.

<sup>28</sup>VIRNO, Paolo. Il vuoto come inattualità. *Gomorra*, Nápolis, ano II, n.4/5, maio 1999, p. 52. [Tradução nossa]

o perfil dos instintos (isto porque desambientados), são sempre, em certa medida, inatuais. Tendo o que fazer com a potência, têm o que fazer com a ausência. Isto significa que em todo instante, por nós vivido, há um lado atual e um potencial, um elemento saturado e um lacunoso, um cheio e um vazio. Se assim não fosse, não teríamos história, não teríamos tempo histórico, ou antes não teríamos absolutamente nenhum tempo. Há história somente porque todo instante vivido tem em si, além do cheio das tarefas, o vazio da potência. Se fôssemos de quando em quando plenamente atuais, seríamos engaiolados em um eterno presente sem poros e sem desfiaduras.<sup>29</sup>

Nas colocações de Virno, vemos os motivos pelos quais a categoria *êxodo* é carregada de tempo e de que tempo se trata. Uma sobreposição do contemporâneo, aquele que Virno constantemente utiliza para designar as formas de vida, a multidão, etc, proposto por Nietzsche como o *inatural*, e do histórico, atribuído a Benjamin pelas desfiaduras do tempo; o que há em comum em ambos é que o tempo só é possível se for pensado no homem que tem linguagem, só ele pode falar daquilo que é nomeado de ato e de potência, só ele pode dizer e por isso viver o seu *eterno* movimento.

O mesmo conceito, *êxodo*, será colocado em discussão pouco tempo depois por Massimo Cacciari, num congresso sobre as *Formas do exílio*<sup>30</sup>, encontro que também contou com a participação de Giorgio Agamben, que interveio sobre a política do exílio. Para refletir sobre os paradoxos do exílio, Cacciari parte da constatação do fracasso de algumas ilusões políticas, como a que identificava o exílio com as estruturas opressivas, e afirma a necessidade de pensar os distintos paradoxos das figuras do *hóspede*, do *inimigo*, do *estrangeiro* e, por consequência, a do *peregrino* e do *êxodo*.

Podemos agora lembrar desta outra figura tão estreitamente relacionada com o tema do exilado e do exílio, a saber, a do peregrino, uma figura muito ligada a um tema que sem dúvida voltará a aparecer no Congresso, o do êxodo: que terra deixamos para trás e que voz seguimos – se não temos nenhuma terra –, a que voz respondemos, a que voz obedecemos? Porque para que haja experiência do êxodo, a experiência do peregrino, não basta abandonar ou simplesmente começar andar; é preciso ter uma terra da qual partir, uma voz que chama, uma promessa a obedecer e escutar. De outro modo, os termos 'peregrino' e 'êxodo' se convertem em vagos anseios, em meros 'sentimentos'. A experiência do exílio não é certamente a de um simples desenraizamento, porque aquele que sofre ou padece com o exílio ou está no exílio não deixa de ter uma terra, um solo (seja verdadeira ou falsa a etimologia que a respeito certos gramáticos voltam a propor) e sempre experimenta alguma forma de dor, ou por voltar, ou por ter ido sem possibilidade de voltar, ou por alguma outra esperança, ou desesperança, de voltar. Creio que precisamente é isto (as linguagens do hóspede, do êxodo, do exílio) serão os termos que, em seus conflitos e entrelaçamentos,

---

<sup>29</sup>VIRNO, Paolo. Il vuoto come inattualità. *Gomorra*, Nápolis, ano II, n.4/5, maio 1999, p. 52. [Tradução nossa]

<sup>30</sup> A discussão de Massimo Cacciari sobre o paradoxo do estrangeiro, como também a de Giorgio Agamben sobre a política do exílio fazem parte das intervenções ocorridas no Congresso Internacional *Formas do Exílio*, organizado pelo Departamento de Iberística da Universidade Ca' Foscari de Veneza, no final de abril de 1995, e publicadas pela revista espanhola *Archipiélago* no ano seguinte, 1996.

deverão ser analisadas neste Congresso, isto é, as relações entre exilado e peregrino, *hospes* e *hostis*, inimizade e *filia*.<sup>31</sup>

Tanto Virno, quanto Cacciari e Agamben voltam-se sobre a ideia de *forma* para explicar os paradoxos da vida em movimento, para atribuir uma designação às implicações da vida em sociedade, em grupos, em comunidades, etc. *Forma* é a maneira encontrada para significar, ler, atribuir sentidos à *força* dos acontecimentos da vida. No entanto, a *forma* aqui não é uma maneira de aprisionar a *força*, mas sim de assegurar a ela um lugar enquanto conceito, enquanto categoria, enquanto imagem.

Que *força* carrega a noção de *êxodo* para que se torne uma categoria tão vital para Cacciari e Virno? A *força* de colocar uma experiência da linguagem numa ação da vida, ou vice versa. Para Virno, o *êxodo* está no retorno ao habitual, a uma atividade, mas um retorno que não implica um pertencimento, nem uma volta ao que já foi. *Êxodo* é a possibilidade de dar *potência* a uma situação, a uma condição, a um passado. Por isso, afirmou-se anteriormente que a *forma de vida*, que Paolo Virno optou para ele, é uma situação de *êxodo*. Se Virno joga com a *ambivalência*, Cacciari joga com o *paradoxo*. Ainda que construa seu argumento em torno das tensões da ideia de lugar, espaço, as consequências dessa ação vão ao encontro das colocações de Virno, no momento em que constata que para haver experiência de *êxodo*, experiência do peregrino, não basta abandonar e simplesmente por-se a andar, é preciso ter uma terra da qual e para a qual partir, uma voz que chama, uma promessa a obedecer e escutar. A *forma de vida* que busca o peregrino poderia muito bem ser aquela que deseja o militante, o intelectual que, repensando as suas posições, os seus papéis, lê o seu passado a fim de elaborar um novo lugar para as suas posições no presente.

### Considerações finais

A partir do evento-livro *Sentimenti di aldiqua*, vê-se como Virno volta seu olhar para como ler o seu tempo lançando mão, nesse gesto de leitura, de uma noção benjaminiana, o tempo deve ser lido a contrapelo; o que coloca em evidência nesse mesmo gesto, uma postura política. A memória, a história, a linguagem e, por assim dizer, a política são importantes para o filósofo da *ambivalência*, como poderia ser chamado Paolo Virno, aquele que vê o homem enquanto animal

---

<sup>31</sup> CACCIARI, Massimo. La paradoja del extranjero. *Archipiélago* – cuadernos de crítica de la cultura, n.26-27, inverno de 1996, p.19. [Tradução nossa]

linguístico e político. Um animal que fala e que, a partir do momento que provoca tal situação, faz política, a qual só pode ser pensada enquanto *esfera pública – general intellect*; e a fala, associada a uma ação, interfere na condição do presente, ou seja, na *ambivalência das formas de vida*.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó – SC: Argos, 2009.

\_\_\_\_\_. *Mezzi senza fine – note sulla politica*. Torino: Bollati Boringhieri, 1996, pp.13-19.

\_\_\_\_\_. Forma-di-vita. In: *Politica*. Napoli: Cronopio, 1993, pp. 105-114.

CACCIARI, Massimo. La paradoja del extranjero. *Archipiélago – cuadernos de crítica de la cultura*, n.26-27, pp.16-20, inverno de 1996.

MARX, Karl. *Grundrisse –manuscritos econômicos de 1857-1858, esboços da crítica da economia política*. Tradução de Mario Duayer e Nélio Shneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. El capítulo del capital - Contradicción entre la base de la producción burguesa (*medida del valor*) y su propio desarrollo. Máquinas, etc. In: *Elementos Fundamentales para la crítica de la economía política*. Tradução de José Aricó, Miguel Murmis e Pedro Scaron. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1972, pp.227-230.

NIETZSCHE, Frederic. *Considerações intempestivas*. Tradução Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1976.

PREMESSA. In: *Sentimenti dell'aldiqua*. Oportunismo paura cinismo nell'età del disincanto. Roma - Napoli: Theoria, 1990, pp.09-10.

VIRNO, Paolo. Entrevista a Branden W. Joseph. *Grey Room*, n.21, pp.26-37, 2005. Disponível em: <[http://www.e-flux.com/wp-content/uploads/2013/05/Virno\\_Interview\\_greyroom\\_small.pdf?b8c429](http://www.e-flux.com/wp-content/uploads/2013/05/Virno_Interview_greyroom_small.pdf?b8c429)>. Acesso em: 18 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Flávia Costa. General intellect, éxodo, multitud. *Dossier de lectures Paolo Virno*. Barcelona, 2003, pp.3-17. Disponível em <<http://www.nodo50.org/ts/editorial/dossierlecturasvirno.rtf%202.pdf>> Acesso em: 10 out. 2015. [Tradução nossa].

\_\_\_\_\_. Un concetto equivoco: biopolitica. In: *Grammatica della moltitudine*. Soveria Mannelli – Catanzaro: Rubbettino, 2001, pp.53-56.

\_\_\_\_\_. Il vuoto come inattualità. *Gomorra*, Nápolis, ano II, n.4/5, pp.51-53, maio 1999.

\_\_\_\_\_. Ambivalenza del disincanto. In: *Sentimenti dell'adiqua: oportunismo paura cinismo nell'età del disincanto*. Roma - Napoli: Theoria, 1990, pp.11-41.